

terr@ 2<sup>1</sup>

*edson passetti e acácio augusto*

**Antes...**

“*Rock in a hard place*”, de Keith Richards e Mick Jagger.

### **Prólogo: paisagem imaginária**

“*Imaginary Landscape N° 1*”, de John Cage.

### **Cena 1: a Terra é azul**

Gus:

Em cada dia, recém-vindo, sou e me prolongo como fruto não amadurecido.

Flávia:

É impossível.

*Edson Passetti é coordenador do Nu-Sol, professor livre-docente no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: passetti@matrix.com.br. Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e pós-doutorando no Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais da Universidade de Vila Velha com bolsa CAPES. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.*

Gus:  
É?

Flávia:  
O dia, as estações do ano, o que se convencionou como cultura, informa que é impossível o fruto não amadurecido, senão como uma metáfora.

Gus:  
Só eu posso dizer que sou uma árvore livre para não dar frutos.

Flávia:  
Mas a filosofia, a ciência e o mais ignorante responderão: na natureza há um ciclo.

Gus:  
Eu sou a natureza que a civilização recusa reconhecer.

Flávia:  
No princípio era a escuridão, ou a grande explosão. Irremediavelmente viemos da escuridão ou da claridade, do silêncio insuportável ou do intolerável estrondo.

Gus:  
Aurora e crepúsculo, dia e noite: fruto não amadurecido. Definitivamente, para sua decepção, não tenho origem. Não me interessa por isso. Sou o fruto não amadurecido da árvore livre para não frutificar.

Todos:  
“A Terra é azul”<sup>2</sup>.

Acácio:  
Para ser um artista “acho que é preciso estar totalmente em harmonia com seu tema. O tema deve nos absorver completamente. Senão, se você não tem um tema que o obceca e atormenta interiormente, você cai na decoração. Você pode até procurar, beber em todos os livros e naquilo

que o cerca, mas isso não basta. (...) Eu preciso de coisas que me toquem profundamente. E isso nem sempre funciona”<sup>3</sup>.

Cecília:

É difícil ser artista?

Acácio:

“Não convém a um ego muito grande... É ‘se deixar levar’, ‘ficar à deriva’. (...) Passei toda a minha vida assim, à deriva. (...) Gosto daqueles que pesquisam, desmontam, desossam, inventam. Trabalho sobre mim mesmo. (...) Fui sempre um otimista, mesmo não acreditando em nada. Quando morremos, não prestamos mais para nada. Só nos resta ser enfiados num saco plástico e jogados no lixo, compreende?”<sup>4</sup>

Cecília:

“Há o nascimento e a morte. Entre os dois, há a vida. Ponto final, isso é tudo?”<sup>5</sup>

Ricardo e Mayara:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim”<sup>6</sup>.

Gus:

“O que eu gosto do teu corpo é o sexo  
O que eu gosto do teu sexo é a boca  
O que eu gosto da tua boca é a língua  
O que eu gosto da tua língua é a palavra”<sup>7</sup>.

## **Cena 2: matéria escura**

Acácio:

“Poucos meses depois de Einstein ter dado os toques finais à relatividade geral, Schwarzschild conseguiu aplicar a sua teoria para captar a maneira exata como o espaço e o tempo se curvam na vizinhança de uma estrela perfeitamente esférica.

Flávia:

Ele demonstrou que se a massa de uma estrela estiver concentrada em uma região esférica suficientemente pequena para que o resultado da divisão da sua massa pelo seu raio seja maior do que determinado valor crítico, o encurvamento do espaço-tempo assim produzido será de tal modo radical que nada que esteja muito próximo à estrela, nem mesmo a luz, é capaz de escapar da sua atração gravitacional.

Cecília:

Como nem mesmo a luz pode escapar dessas ‘estrelas comprimidas’, elas foram inicialmente denominadas estrelas escuras, ou frias. Posteriormente John Wheeler deu-lhes um nome mais atraente — buracos negros.

Mayara:

Negros porque esses objetos não podem emitir luz, e buracos porque qualquer coisa que esteja muito perto cai dentro dele e nunca mais sai”<sup>8</sup>.

Ricardo, Mayara, Cecília e Flávia:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim”<sup>9</sup>.

Sofia:

“Para a grande surpresa [de Einstein], quando as equações são aplicadas em um contexto maior do que o de um local específico do universo como um planeta ou um cometa em órbita de uma estrela, chega-se a uma conclusão espetacular: o tamanho do universo espacial [muda] com o tempo. (...)

Cecília:

Essa conclusão era demasiado estranha mesmo para Einstein. Ela destruíra a intuição coletiva sobre a natureza do espaço e do tempo, formada pela humanidade ao longo de milhares de anos. (...)

Mayara:

Doze anos depois através de medições pormenorizadas de galáxias distantes, o astrônomo norte-americano Edwin Hubble comprovou experimentalmente que o universo está em expansão. Em uma história hoje famosa nos anais da ciência, Einstein voltou à forma original das suas equações, referindo-se à constante cosmológica como o maior erro da sua vida. (...)

Acácio:

Extrapolando esse percurso até ‘o começo’, o universo pareceria ter se iniciado como um ponto (...) no qual toda a matéria e toda a energia estariam contidas, a uma densidade e temperatura inimagináveis. Acredita-se que uma bola de fogo cósmica, o big-bang, irrompeu dessa mistura volátil e espargiu as sementes do universo em que hoje vivemos.(...)

Sofia:

O big-bang é justamente a irrupção do espaço comprimido, cujo desdobramento, como a onda de um maremoto, arrasta consigo a matéria e a energia até os dias de hoje”<sup>10</sup>.

Gus:

“Todas as tentativas de explicar a natureza do universo sem recorrer à matéria escura falharam deploravelmente”<sup>11</sup>.

Cecília:

“Mas um dos problemas fundamentais agora é descobrir a natureza da forma dominante de matéria escura nessas regiões externas das galáxias”<sup>12</sup>.

Ricardo:

Para quê perder tempo buscando uma origem, que jamais será alcançada. O cosmos existe, é o caos e isso é tudo. Não há princípio, nem fim, nem ordem.

Gus:

“No firmamento que olhamos de noite, as estrelas resplandecem circundadas por uma densa treva.

Lili (em off):

Uma vez que no universo há um número infinito de galáxias e de corpos luminosos, o escuro que vemos no céu é algo que (...) necessita de uma explicação.

Gus:

(...) No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar.

Acácio:

Aquilo que percebemos como o escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz<sup>13</sup>.

Acácio e Gus:

“a Terra não es-capa do  
céu . Voe pra baixo ou  
voe pra cima, o céu continua a  
invadi-la, energizando-a”<sup>14</sup>.

Flávia:

“A Terra é azul”.

Cecília:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim”<sup>15</sup>.

“*Pulsar*”, de Caetano Veloso.

### Cena 3: mulher

Sofia:

“O chão das estrelas me pareceu tenebroso e rijo no céu dos homens, mas, em suas mãos estreitas, li a luta dessas estrelas convidando outras: emigrantes da ponte, sonhadoras ainda: recolhi seu suor dourado, e por mim a terra parou de morrer”<sup>16</sup>.

## Cena 4: homens

Ricardo:

“A natureza é infinita, na variedade de suas obras.

Acácio:

Essa fecundidade do poder criador, sempre novo e sempre imprevisto, sempre luxuriante e cheio de harmonia, foi para o homem, desde o começo, uma fonte permanente de inspiração e de entusiasmo, ao mesmo tempo em que uma fonte inesgotável de conjeturas.

Ricardo:

À vista de suas admiráveis maravilhas, o pensamento humano, confundido, refugiou-se (...): e dessa contemplação primitiva nasceram as inúmeras religiões”<sup>17</sup>.

Gus:

“Primeiro os homens projetaram-se na natureza: em toda parte viram a si mesmos e seus iguais, isto é, suas características más e caprichosas, como se estivessem escondidas entre nuvens temporais, animais de rapina, árvores e plantas: naquele tempo inventaram a ‘natureza má’.

Ricardo:

Depois veio a época em que novamente se imaginaram fora da natureza, a época de Rousseau: estavam tão fartos uns dos outros, que quiseram possuir um canto a que não chegasse o homem e seu tormento, inventaram a ‘natureza boa’”<sup>18</sup>.

Gus:

“Compreende-se porque Rousseau, que pregava a tolerância, achava, contudo, que era preciso condenar à morte os ateus”<sup>19</sup>.

Acácio:

“Tendo-se feito do espiritual (juntamente com todos os impulsos, maldades, inclinações) uma propriedade comum

e, portanto, vulgar, não se sentia vergonha em descender de animais ou árvores (as linhagens nobres viam-se honradas por essas fábulas) e não enxergava-se no espírito aquilo que nos une à natureza, [mas] o que nos separa”<sup>20</sup>.

Gus:

“Ainda somos criaturas da consciência (...). O que atrai para cima, ‘arrasta para baixo’: apenas como criaturas dessa consciência sentimo-nos parentes da retidão e da piedade”<sup>21</sup>.

Ricardo:

“O que é tão difícil para os homens compreenderem, dos mais remotos tempos até hoje, é sua ignorância sobre si mesmos!”<sup>22</sup>.

Andre (em off):

A certos “jovens não falta caráter, nem talento, nem diligência: mas nunca lhes deixaram tempo para dar a si mesmos uma direção; pelo contrário, desde a infância foram habituados a receber uma direção”<sup>23</sup>.

Acácio:

“Entre os selvagens, a ideia de ser objeto de compaixão causa um frêmito moral: significa não ter nenhuma virtude. Oferecer compaixão significa desprezar. (...) Ele mata o indivíduo valente, quando pode fazê-lo, dando a este indomável a sua última honra”<sup>24</sup>.

Gus:

“Agora os adutores servis não devem ser buscados na vizinhança dos príncipes — esses têm o gosto pelas coisas militares que repugna ao adutor. É na vizinhança de banqueiros e artistas que ainda cresce esta flor”<sup>25</sup>.

Acácio:

“O criminoso descoberto não sofre com o crime, mas com a vergonha ou o dissabor por uma estupidez cometida ou contra a privação da vida habitual, e é necessária uma rara sutileza para distinguir esse ponto. Quem vai muito



terr@ 2

a prisões e a reformatórios surpreende-se como é raro ali encontrar um inequívoco ‘remorso’: mais frequente, ao contrário, é a nostalgia do bom e velho crime”<sup>26</sup>.

Ricardo:

“Sim, nossos primeiros ancestrais, [foram], senão gorilas, pelo menos primos muito próximos dos gorilas, dos onívoros, dos animais inteligentes e ferozes, dotados, em grau maior do que o dos animais de todas as outras espécies, de duas faculdades preciosas:

Todos:

a faculdade de pensar e a necessidade de revoltar-se”<sup>27</sup>.

“*Piano preparado*”, de John Cage.

## Cena 5: inverno

“*Dream*”, de John Cage.

Acácio/Gus:

— Hamm: Leve-me para baixo da janela. (*Clov vai até a cadeira*) Quero sentir a luz no meu rosto. (*Clov empurra a cadeira*) Você se lembra, no começo, quando você me levava para dar uma volta? Segurava a cadeira bem no alto. A cada passo quase me derrubava! (*Com voz trêmula*) Ah, nós nos divertimos muito, os dois, nos divertimos muito! (*Melancólico*) Depois virou hábito. (*Clov para a cadeira em frente à janela direita*) Pronto? (*Pausa. Reclina a cabeça. Pausa*) Ainda é dia?

— Clov: Não é noite.

— Hamm: (*Colérico*) Perguntei se ainda é dia.

— Clov: É.

— Hamm: A cortina não está fechada?

— Clov: Não.

*Pausa.*

— Hamm: Que janela é esta?

— Clov: A terra.

— Hamm: Tinha certeza! (*Colérico*) Nessa janela não há luz! A outra! (*Clov empurra a cadeira até a outra janela*) A terra! (*Clov para a cadeira sob outra janela. Hamm reclina a cabeça*) Isso sim é luz! Na certa é um raio de sol. (*Pausa*) Não?

— Clov: Não.

— Hamm: Não é um raio de sol que estou sentindo no meu rosto?

— Clov: Não.

*Pausa.*

— Hamm: Estou muito branco? (*Pausa. Com violência*) Perguntei se estou muito branco.

— Clov: Não mais do que sempre.

*Pausa.*

— Hamm: Abra a janela.

— Clov: Para quê?

— Hamm: Quero ouvir o mar.

— Clov: Você não ouviria.

— Hamm: Mesmo se você abrisse a janela?

— Clov: Não.

— Hamm: Então não vale a pena abrir?

— Clov: Não.

— Hamm: (*com violência*) Então abra! (*Clov sobe na escada, abre a janela. Pausa*) Abriu?

— Clov: Abri.

*Pausa.*

— Hamm: Jura que abriu?

— Clov: Abri.

*Pausa.*

— Hamm: Bom, é... (*Pausa*) Deve estar muito calmo. (*Pausa com violência*) Perguntei se está muito calmo!

— Clov: Está.

— Hamm: É porque não há mais navegadores. (*Pausa*) Perdeu a língua de repente? (*Pausa*) Não está se sentindo bem?

— Clov: Estou com frio.

*Repetição com personagens invertidos*

terr@ 2

— Clov: É porque não há mais navegadores. (*Pausa*) Perdeu a língua de repente? (*Pausa*) Não está se sentindo bem?  
— Hamm: Estou com frio”<sup>28</sup>.

## Cena 6: política

Ricardo:

“O que você diz sobre conflitos políticos?”

Gus:

Conflitos políticos são meras manifestações de superfície. Quando os conflitos aparecem, você pode certamente dominá-los, no sentido de deixá-los sem ação, já que eles esperam se aproveitar da situação.

Sofia:

Ficar-se preocupando com conflitos políticos de superfície é cometer o mesmo erro do touro na arena, você está agredindo o pano. É para isso que serve a política, para lhe mostrar o pano. Justamente como o toureiro educa o touro, educa-o a seguir, a obedecer ao pano.

Mayara:

Quem manipula o pano?

Gus:

A morte.

Mayara:

O que é a morte?

Gus:

Um truque de show de mágica. Já chegou a hora desse truque nascimento/morte. Não pode durar muito mais, muitas pessoas estão se ligando.

Ricardo:

Você sente que tem havido uma mudança bem definida no modo de ser do homem?

Mayara:

Uma nova consciência?

Gus:

Eu sinto que a mudança, a mutação na consciência irá ocorrer espontaneamente logo que certas dificuldades hoje em vigor sejam removidas. Eu sinto que o principal instrumento de monopólio e controle, que impede a expansão da consciência, é a palavra. Ela delimita o pensamento, a emoção e as impressões sensoriais do ser humano que a hospeda.

Mayara:

É se removida, o que vem depois?

Gus:

O passo adiante deve ser dado em silêncio. (...) O homem deve se afastar das formas verbais para conquistar a Consciência, a qual está lá, pronta pra ser sentida, apalpada.

Mayara:

Como alguém dá esse 'passo adiante', você pode dizer?

Gus:

Passos adiante são dados largando a velha armadura, porque as palavras são fabricadas dentro de você — dentro da suave-máquina-que-escreve [e imagina], você não percebe a armadura-palavra que carrega.

Mayara:

Parece que você termina aonde você começa, com política e sua nomenclatura: conflito, conquista, solução, monopólio, controle...

Gus:

Se você fala, sempre termina em política, não leva a lugar

terr@ 2

algum, quer dizer, o homem é estritamente fruto da ‘suave-máquina-que-escreve’ [e imagina].

Mayara:

E se as pessoas não quiserem mudar, não quiserem nenhuma nova consciência?

Gus:

(...) Não estaria em meu poder ou vontade converter um dinossauro relutante”<sup>29</sup>.

### **Cena 7: da maior importância**

Gus:

“Quando uma sociedade passa a defender a morte é ela que precisa ser discutida!”<sup>30</sup>

Flávia:

A maioria, corpos trêmulos de medo, clama por proteção e acredita encontrá-la na segregação ou eliminação do outro. Temem o menor.

Helena (em off):

Os diretores de consciência conservadores e progressistas, sem falar nos fascistas jogam com esse medo. Querem capitalizar politicamente a miséria e o sofrimento alheio.

Ricardo:

É urgente recusar as ardilosas e sazonais campanhas pela redução da maioria penal.

Cecília:

É preciso interpelar os que veem justiça na justiça contra jovens, na violência do Estado contra os jovens no Brasil.

Sofia:

A punição para jovens considerados infratores já é uma prática nas Unidades de Internação em todo país. Atinge seletivamente pretos, pobres, incorrigíveis, ingovernáveis.

Acácio:

“Os covardes querem que o Estado faça o que eles não têm coragem de fazer!”

Mayara:

É preciso um não afirmativo e dizer aos que desejam mais punições:

Todos:

em meu nome não!”<sup>31</sup>.

### **Cena 8: silêncio**

Andre (em off):

Psiu.

Acácio

Você me chamou ou pediu para ficar quieto?

Andre (em off):

Tô te chamando, para conversar em silêncio.

Acácio:

Eu sempre estive aqui.

Andre (em off):

...

Acácio:

Como é conversar em silêncio?

Andre (em off):

O silêncio tem sua sonoridade. Não é ausência de ruído, nem são os rumores miúdos. É a “massa de meus átomos”<sup>32</sup>, que existe em mim não para compor a solidão, mas para compor com você.

terr@ 2

Acácio:

Nada de conversa com o silêncio, nem sobre o silêncio.  
Presença do silêncio: entre, entre mim e você. Entre!

Andre (em off):

...

Acácio:

Produzir silêncios.

Andre (em off):

...

Acácio:

Em uma relação, quando estou de posse da massa de meus átomos, quando deixei de ser indivíduo, de ser sujeito, de ser a consciência...

Andre (em off):

Quando deixamos de ser a massa, a maioria, a minoria incluída ou excluída, para habitar o devir, onde não existe Eu, apenas mim, mim e você, e possíveis menores.

Acácio:

Fim do Iluminismo?

Andre (em off):

Mas não o fim da luz. A luz tem um som no seu silêncio, e não é iluminação, por não podermos alcançá-la, por vezes, ela é escuridão.

Acácio:

O que se faz em silêncio?

Andre (em off):

...

Acácio:

...

Andre (em off):  
Habita-se.

Acácio:  
...

Andre (em off):  
Entre!

### **Cena 9: relâmpago e reciprocidades**

Ricardo:  
“Cada vez mais se teme os relâmpagos por seus efeitos destrutivos, ignorando seu poder de fertilizar a terra, estimular a vida e clarear trajetos obscurecidos pela noite.

Gus:  
Esse medo passa longe da atitude de Zaratustra<sup>33</sup>: “não me basta que o raio não cause mais danos. Não é desviá-lo que eu quero: ele deve aprender – a trabalhar para mim”<sup>34</sup>.

Ricardo:  
“Sempre que coloco óculos nítidos, espanto-me em ver como os homens são feios e como é possível suportá-los”<sup>35</sup>.

Acácio:  
“A terra é bastante vasta para conter a todos nós em seu seio,

Gus:  
é bastante rica para nos fazer viver na fartura.

Ricardo:  
Pode dar muitas colheitas para que todos tenham o que comer;

Gus:  
faz nascer muitas plantas fibrosas para que todos possam vestir-se;



Ricardo:

contém pedras e argila em abundância para que todos possam ter casas”<sup>36</sup>.

Acácio:

“Tudo muda, tudo é móvel no Universo, porque o movimento é a condição mesma da vida.

Ricardo:

(...) A Natureza; é mais calma nas suas obras, modera a sua força e as mais grandiosas transformações franzem-se sem o conhecimento dos seres que ela sustenta.

Gus:

Eleva as montanhas e enxuga os mares sem perturbar o voo de um mosquito”<sup>37</sup>.

### **Cena 10: verão**

“*Summer (from the seasons)*”, de John Cage.

Lili (em off):

“Todo mundo tem de ser diferente. Você não pode copiar uma pessoa e fazer algo bom. Se você copia, significa que está trabalhando sem nenhum sentimento autêntico. E sem sentimento, tudo o que fizer não dá em nada. Não existem duas pessoas iguais na Terra, e tem de ser assim na música, ou não é música. Nunca vou esquecer aquele maravilhoso ancião espanhol Pablo Casals, que tocou violoncelo certa vez na televisão. Quando terminou uma peça de Bach, foi entrevistado por uma garota americana. — Toda vez que o senhor toca é diferente. — ela falou efusivamente. — Tem de ser diferente — disse Casals. — Como poderia ser de outra maneira? A natureza é assim. E nós somos parte da natureza”<sup>38</sup>.

## Cena 11: respiração

“*Missa Criolla (Kyrie)*”, de Ariel Ramirez.

Ricardo:

“A propriedade é hoje a raiz de todo o mal. Ela causa o sofrimento dos que a possuem e dos que não a possuem. O perigo dum conflito entre os que dispõem do supérfluo e os que vivem na pobreza é inevitável. Todo o mal começa com a propriedade.

Sofia:

Enquanto o Estado defender este princípio, ele age (...) antissocialmente e — desde que a propriedade representa aos seus olhos uma falta em relação a outros — não só se torna cúmplice como é mesmo o principal culpado.

Flávia:

Os Estados e os governos entram em guerra, ora para possuir as margens do Reno ou terras na África, ora na China e os Bálcãs; os banqueiros, os comerciantes, os fabricantes e os proprietários rurais não trabalham, não fazem projetos e não se atormentam, a si e aos outros, senão pelo desejo de possuir.

Cecília:

Levados pelo mesmo desejo, os empregados lutam, enganam, oprimem e sofrem. Nossos tribunais e nossa polícia sustentam a propriedade.

Acácio:

Nossas colônias penitenciárias e prisões, todos os erros que chamamos ‘repressão do crime’, somente existem para proteger a propriedade”<sup>39</sup>.

*Fim da música*

Mayara:

“O [jornal] Mother Earth, [em seu primeiro número, de 1906, declara que] fará esforços para atrair e apoiar os que se opõem à usurpação da vida pública e individual.

Flávia:

Apoiará os que lutam por algo maior, cansados do lugar-comum; (...)

Cecília:

os que respiram livremente apenas em espaços ilimitados;

Sofia:

os que anseiam pela sombra de uma nova aurora para uma humanidade livre do medo de querer, do medo de morrer de fome diante das montanhas de riquezas.

Todos:

A terra livre para o indivíduo livre!”<sup>40</sup>.

Todos:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim”<sup>41</sup>.

Ricardo:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim”.

## Cena 12: da guerra

*Na trincheira*

Gus:

Enfiados nessa trincheira de merda, com esse barulho insuportável eu fico pensando o que estamos fazendo nesse buraco? Defendendo a nação? Me responda...

Ricardo:

Esse é o buraco onde não há prazer. Só morte anunciada, adiada.

Gus:

Quero sair daqui.

Ricardo:

Não há saída. Nós somos apenas soldados, feitos para atirar, rastejar, criar e cair em emboscadas... Matar, morrer e esperar por uma correspondência.

Gus:

Eu só quero é sair desse buraco! Já estou esquecido até das pessoas que amei, sujo e machucado; fedido e com fome; doído por uma bebida, um cigarro.

Ricardo:

“Para nenhum homem a terra é tão importante quanto para um soldado. Quando [me] comprimo contra ela, com violência, quando nela enterro profundamente o rosto e os membros, na angústia mortal do fogo, ela é [meu] único amigo, [meu] irmão, [minha] mãe.

Gus:

Nela [eu abafou meu] pavor e grit[o] no [meu] silêncio (...); ela [me] acolhe (...) e volta a [me] abrigar: [talvez] para sempre!”<sup>42</sup>.

Ricardo:

Então me abraçe, ou morreremos sós.

### *O agente da bomba*

Andre (em off):

Minha missão é simples: sobrevoo, lanço a bomba e volto. Simples. Gosto de ser piloto, de pôr esse gigante no ar, de ser seu condutor. Eu sozinho domino o avião, ele faz tudo que eu ordeno. Soltei muitas bombas sobre navios,

terr@ 2

trincheiras; participei de batalhas aéreas, bombardeei campos e cidades, alvos estratégicos para abalar o moral dos soldados, a indústria inimiga e amedrontar populações. Minha missão, agora, é grandiosa: o ato final que cessará a guerra. É mais que a revanche a Pearl Harbour, é acabar com a intenção de Estados se armarem contra nós. É a bomba da paz. E sou eu que irei lançá-la.

“*Rosa de Hiroshima*”, de João Ricardo e Vinicius de Moraes.

*Na guerrilha*

Acácio:

Enfiado nessa gaiola na floresta, de onde ninguém me tira, nem napalm, nem qualquer idiota... Eu vou te pegar! O que você fará? Responda se ainda tiver cu!

Acácio (em off):

Não seja superior. Você é minha presa! E aí guerrilheiro?

Acácio:

Não sou superior nem inferior, sou eu, na mata ou na cidade, com meu fuzil ou na barricada, morro lutando e não sou de ninguém.

Acácio (em off):

Era. Agora é o prisioneiro. Quero ver você escapar de mim!

Acácio:

O meu sangue e o seu podem correr, mas ninguém é de ninguém, não sou sua propriedade, nem da nação, nem do Estado, de ninguém. Estou sob sua força, mas seu poder não me atingirá.

Acácio (em off):

Prove!

Acácio:

Não há o que provar.

Acácio (em off):  
Você está preso! Fuja!

Acácio:  
Sou o prisioneiro, mate-me ou aprenda que o insuportável é indestrutível. Cedo ou tarde, outros chegarão.

Acácio (em off):  
Mato? Você quer morrer, é isso que você quer?

Acácio:  
Perdi o medo da morte, faz tempo.

Acácio (em off):  
Você tem certeza que prefere morrer?

Acácio:  
Entre ser prisioneiro e morrer, eu prefiro a morte.

Acácio (em off):  
Você não entende nada de história. Eu te deixarei vivo!  
Vivo!

Acácio:  
Você me mantém vivo sob o poder das convenções internacionais. Você não tem poder! Você é o prisioneiro da minha vigilância.

Acácio (em off):  
Mas estou do outro lado da gaiola.

Acácio:  
Quando os meus chegarem, serei libertado. Você, morrerá ou virá para dentro da gaiola!

Acácio (em off):  
Fuja!

Acácio:

Aguarde quando escurecer...

### *Definição*

Sofia:

No futuro imagino essa definição de guerra dada pelos historiadores: “por guerra, entende-se um fenômeno cultural determinado, uma distribuição específica de violências, aparecida vários séculos antes de Jesus Cristo, entre o Tigre e o Eufrates, no momento de formação dos primeiros grandes Estados, e morta mais ou menos no mesmo lugar no início do século XXI.

Cecília:

A guerra [um conflito armado, público e justo] mudou a tal ponto de aspecto que é preciso admitir que o que foi pensado sob o seu nome durante séculos praticamente desapareceu. Neste sentido, a guerra não existe mais.

Flávia:

[Você objetará,] evidentemente, os atentados terroristas de Nova York, Madri, Londres, a situação ‘explosiva’ no Cáucaso ou no Oriente Médio, ou ainda alguns países da África ou da América do Sul, dilacerados por intermináveis conflitos internos, o atual Iraque ‘liberado’ e fortemente desestabilizado, etc.

Sofia:

Contudo, eu jamais quis dizer, com ‘a guerra não existe mais’, que a humanidade enfim entrou na idade da paz perpétua. (...) Foi outra coisa que se produziu: o fim da guerra e a emergência dos *estados de violência*<sup>43</sup>.

### *Start*

Ricardo:

As coordenadas dão nota de míssil no alvo previsto. Em 20 segundos, 10 segundos... Acione imediatamente o interceptador. Uau! Conseguimos!

Mayara:

Outro! Outro. Outro. Agora! Uau! Perfeito!

Sofia:

Essas máquinas são incríveis, me sinto em casa, é um videogame de verdade.

Mayara:

Errado, aqui a gente está dentro do jogo.

Sofia:

E quando fizer game over?

Mayara:

Não vai dar mais tesão jogar em casa. Isso é coisa de criança. O jogo não pode acabar.

Sofia:

Quero continuar enxergando no escuro, identificando o calor dos corpos em movimento, preciso disso, não pode parar! Me entusiasmei e me acostumei com o monitoramento remoto.

Mayara:

Isso é melhor que o ácido que os caras tomavam no Vietnã, é muito mais tesão.

Ricardo:

Saiam daí, um míssil se aproxima! Game over.

*Os novos "soldados"*

Acácio:

Como você veio parar nessa batalha?



Gus:

Na minha terra ou a gente entra na guerra do crime, vira polícia ou traficante, tanto faz, ou arruma um emprego numa missão de paz da ONU.

Acácio:

Depois de reformado, não aguentei ficar longe disso. Eu me inscrevi como mercenário numa empresa de segurança para o exército. Ganho uma grana e me divirto. Start.

Gus:

Eu ganho uma grana e não sei o que acontecerá quando eu voltar. Aqui eu converso com minha esposa pela internet e faço planos... Se eu não voltar ela será mais uma das jovens viúvas, amparada por um soldo.

Acácio:

Eu só quero grana, diversão e mulher. Fui educado para isso, e vou morrer fazendo isso.

Gus:

Eu não quero morrer. Eu quero regressar, ter filhos e envelhecer na minha terra, talvez abra um bar. Aí, se eu escapar da guerra do crime, viverei. Com medo, com mais medo do que estou aqui.

Ricardo:

Atenção! Míssil nesta direção!

*O homem bomba e o kamikaze.*

Cecília:

Não há mais a ética de soldados, na sua infundável troca de mortes, pelo confronto de corpos, baionetas, balas...

Flávia:

Não há mais contabilidade de baixas, a batalha se resume a alvos cirúrgicos e a efeitos colaterais. Tudo comandado por programas. Enfim, se ampliou o raio de alcance do velho canhão.

Sofia:

O avião é uma bomba em potencial. Ninguém mais duvida. O kamikaze ainda era um militar que em nome de uma honra e na situação limite da guerra, oferecia sua morte ao imperador, atirando seu avião sobre destroyers, encouraçados, porta aviões, alvos militares.

Ricardo:

Agora, um avião comercial, comandado por um soldado de Alá, atinge alvos simbólicos e população civil, em nome de uma guerra santa. Oferece sua morte como mártir, esperando o paraíso recheado de virgens.

Cecília:

Para isso não há mais a ética do soldado que lutava por uma nação, convenções internacionais ou tratados de paz. Jamais haverá a paz perpétua.

Mayara:

Só estados de violência, que se refazem numa velocidade espantosa em nome da paz universal, imposta pelos combatentes fundamentalistas, do oriente e do ocidente.

Acácio:

“Se no surgimento do sistema de Estados, o dispositivo de polícia era voltado para dentro das fronteiras e o diplomático-militar para fora,

Gus:

na sociedade de controle, o dispositivo diplomático-policial atravessa as fronteiras, articulando missões de estabilização, intervenções militares, atuação de ONGs, aplicação de programas de segurança e pacificação que se retroalimentam entre missões da ONU e projetos de segurança nacionais

Acácio:

como o caso da utilização de tropas brasileiras da MINUSTAH [no Haiti]

Gus:

na composição de parte da Força de Pacificação nos Complexos da Penha, do Alemão [e da Maré], no Rio de Janeiro;

Acácio e Gus:

ou como a ONG carioca Viva Rio atuante no Haiti desde 2004, a convite da ONU, em programas de desarmamento, de segurança comunitária, de incentivo ao esporte e de preservação ambiental [e tudo o mais]<sup>44</sup>.

Sofia:

“Dentro de mim longitudes se alargam,  
latitudes se estendem.  
Ásia, África, Europa, são do leste;  
coube ao Oeste a América.  
Cintando a convexidade da Terra  
passa o quente equador,  
ao norte e ao sul curiosamente  
giram as pontas do eixo terrestre,  
dentro de mim é o mais longo dos dias,  
o sol gravita em órbitas inclinadas  
e não se põe durante muitos meses,  
ao se alongar dentro de mim na hora devida  
o sol da meia noite  
mal se levanta acima do horizonte  
e de novo mergulha,  
dentro de mim zonas, oceanos, quedas d’água,  
florestas, arquipélagos, vulcões...”<sup>45</sup>.

### **Cena 13: ocean**

Cecília:

“Cunhambebe, o afamado chefe Tupinambá, acordou sobressaltado naquela manhã.

Flávia:

Tinha tido um pesadelo que não conseguia definir bem.

Sofia:

As imagens dançavam em sua cabeça.

Mayara:

Estava numa nau portuguesa, vestido com uma pele de onça dentro de uma jaula, cruzando o mar. Ele gritava:

Cecília:

‘Sou Cunhambebe e não estou mais vivo’.

Flávia:

Sua tribo nadava atrás do barco e, aos poucos, ia sendo engolida pelas águas.

Sofia:

Saiu exasperado de sua cabana.

Flávia:

Viu sua gente se divertindo em torno dos restos de uma grande festa que ele, em sua providencial força, promovera na noite anterior.

Sofia:

Passou uma vista de olhos ao redor e contemplou quinze cabeças de índios Maracaia, espetadas em estacas adornando sua cabana. Com uma certa condescendência, dirigiu-se a elas:

Cecília:

‘Maracaia, inimigos dos Tupinambá, ontem, estávamos fracos e recuperamos nossa força comendo nossos irmãos que estavam em vocês. Agora eles voltaram para casa. Amanhã seremos nós, os Tupinambá, que devolveremos a força dos Maracaia. Cada dia é uma batalha. Assim é a vida... a minha, a tua e a da capivara’<sup>46</sup>.

Flávia:

“Em 20 de setembro [de 1519], partiu do porto espanhol de Sanlúcar de Barrameda o navegador português Fernão de Magalhães, com cinco embarcações (...).

Cecília:

Magalhães, então com quase quarenta anos de idade, estava servindo o rei espanhol Carlos V.

Mayara:

A tripulação, composta em sua grande maioria por espanhóis e portugueses, contava com 265 homens.

Cecília:

Em dezembro, a expedição passou pelo Rio de Janeiro e, no dia 10 de janeiro de 1520, chegou ao Prata. (...)

Sofia:

Depois de várias semanas de buscas infrutíferas, Magalhães constatou que se tratava da foz de um rio e não de uma passagem para o oeste. (...)

Mayara:

Após trezes meses de viagem conturbada, [Magalhães] descobriu em 21 de outubro de 1520 o estreito que mais tarde levaria seu nome e que liga o Atlântico ao Pacífico.

Helena:

Numa viagem de 27 dias, os navegantes foram atravessando às apalpadelas os quase 600 km desse canal perigoso, cheio de recifes traiçoeiros.

Flávia:

À noite se lhes oferecia um estranho espetáculo: Em terra apareciam em muitos sítios pontos de fogo, provavelmente, fogueiras acesas por seres humanos que nelas preparavam sua comida e se esquentavam. Por isso, chamou a terra ao sul de sua rota de *Tierra del Fuego*<sup>47</sup>.

Sofia:

Veja, no horizonte da planície lá do norte das Américas, é o Sioux, Tashunka Witko (Cavalo Doido)

Acácio:

“Não se vende a terra na qual as pessoas andam”<sup>48</sup>.

## **Cena 14: a experiência de Duchamp**

*“Tocando em frente”*, de Almir Sater.

Mayara:

“De que se trata a experiência?”

Gus:

Que experiência?

Mayara:

A do livro pendurado.

Gus:

Não é nenhuma experiência, no sentido literal da palavra.

Mayara:

Por que está ali?

Gus:

Me passou pela cabeça de repente, a ideia é de Duchamp, deixar um livro de geometria pendurado às intempéries para ver se aprende alguma coisa da vida real.

Mayara:

Você vai destruí-lo.

Gus:

Eu não, a natureza.

Mayara:

Ai, cada dia você está mais maluco. Nunca tinha visto você fazer uma coisa assim com um livro.

terr@ 2

Gus:

Não é meu.

Mayara:

Dá na mesma, agora é seu.

Gus:

Curioso, deveria ser, mas a verdade é que não o sinto como um livro que me pertença, além do mais tenho a impressão, quase a certeza, de que não estou causando dano a ele.

Mayara:

Então faça de conta que é meu e despendure o livro, os vizinhos vão achar que está doido.

Gus:

Os vizinhos, os que põem cacos de vidro em cima dos muros? (...) Não se preocupe com bobagens, nesta cidade estão acontecendo coisas muito mais terríveis do que pendurar um livro numa corda de varal<sup>1749</sup>.

### **Cena 15: os companheiros no jardim**

Andre (em off):

“O homem não passa de uma flor do ar sustentada pela terra, maldita pelos astros, respirada pela morte; o sopro e a sombra de tal coalizão, por vezes, o sobrelevam.

Lili (em off):

Nossa amizade é a nuvem branca preferida do sol.

Acácio:

Nossa amizade é uma casca livre. Não pode ser separada das proezas de nosso coração.

Cecília:

Ali onde o espírito já não desenraiza, mas replanta e cuida, nasce. Ali onde começa a infância do povo, amo.

Helena (em off):

Século XX, o homem desceu ao máximo. As mulheres se iluminavam e se deslocavam rapidamente num superpatamar a que só nossos olhos tinham acesso.

Ricardo:

A uma rosa me uno.

Gus:

Somos ingovernáveis. Nosso único senhor propício é o Relâmpago, que ora nos ilumina, ora nos fende.

Flávia:

Relâmpago e rosa, em nós, em sua fugacidade, para nos realizar, se juntam.

Gus:

Sou de relva em tua manhã, minha pirâmide adolescente. Eu te amo sobre tuas mil flores, de novo fechadas.

Sofia:

Disposta ao broto, cedendo-lhe o futuro, todo o esplendor da flor profunda. Teu duro segundo olhar, pode. Assim o gelo não o destruirá.

Cecília:

Não permitamos que nos roubem a parte da natureza que guardamos. Não percamos dela nem um fio, não cedamos nem um seixo de sua água. (...)

Acácio:

O crime cometido: uma furiosa vontade de nos ensinar a desprezar os deuses que vivem em nós. (...)

Flávia:

Ah! O poder de levantar-se de outra maneira.

Gus:

Digam, o que somos nos fará jorrar em buquê?



Mayara:

Um poeta deve deixar pegadas de sua passagem, não provas.  
Só os vestígios fazem sonhar. (...)

Ricardo:

O real, algumas vezes, mata a sede da esperança. É por isso  
que, contra toda espera, a esperança sobrevive. (...)

Mayara:

A História é apenas o avesso da roupa dos amos. (...)

Acácio:

Luzir e lançar-se — rápida faca, lenta estrela.

Cecília:

Na explosão que experimentamos do universo, prodígio!  
Os pedaços que caem estão vivos.

Gus:

Minha querida terra, tal pássaro carregado em fruto numa  
árvore eterna, sou teu.

Flávia:

O que seus invernos nos pedem é que levantemos pelos  
ares aquilo que sem isso não passaria de limalha e bode  
expiatório.

Helena (em off):

O que seus invernos nos pedem, é que preludieemos por  
você a sabor: um sabor igual ao que a civilização do fruto  
canta sob sua redondeza alada.

Cecília:

Isto me consola: quando estiver morto, estarei aí —  
desagregado, repugnante — para me ver poema.

Gus:

Não preciso que minha lira me adivinhe, que meu verso  
desvele o que eu poderia ter escrito.

Lili (em off):

O maravilhoso neste ser: toda fonte, nele, dá a luz um riacho.  
Com o menor de seus dons provoca uma tempestade de  
pombas.

Andre (em off):

Em nossos jardins preparam-se florestas.

Acácio:

Os pássaros livres não suportam ser observados. Em  
sua proximidade, sigamos obscuros, renunciemos a nós  
mesmos<sup>750</sup>.

## **Cena 16: “Na gafeira segue o baile calmamente...”**

*Elenco dançando.*

“*O mestre sala dos mares*”, de João Bosco e Aldir Blanc.

## **FIM**

### **Notas**

<sup>1</sup> Aula-teatro 17 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Aline Passos, Anamaria Salles, Beatriz Scigliano Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Leandro Siqueira, Luíza Uehara, Maurício Freitas, Mayara de Martini Cabeleira, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Com: Acácio Augusto, Cecília Oliveira, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Helena Wilke, Gustavo Simões, Ricardo Abussafy e Sofia Osório. Produção gráfica: Andre Degenzajn. Operadora de luz: Helena Wilke. Operadora de som: Luíza Uehara. Ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Yuri Gagarin, a bordo da Vostok I, em 12 de abril de 1961.

<sup>3</sup> Franck Maubert. *Conversas com Francis Bacon*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, Zahar, 2010, pp. 47-48.

- <sup>4</sup> Idem, pp. 48-57.
- <sup>5</sup> Ibidem, p. 63.
- <sup>6</sup> Ibidem, p. 30.
- <sup>7</sup> Julio Cortázar “O que eu gosto do teu corpo...” in *Papéis inesperados*. Tradução de Ariel Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, p. 484.
- <sup>8</sup> Brian Greene. “Os buracos negros, o Big Bang e a expansão do espaço” in *O Universo elegante. Supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva*. Tradução de José Viegas Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 352.
- <sup>9</sup> Franck Maubert, 2010, op. cit., p. 30.
- <sup>10</sup> Brian Greene, 1999, op. cit., pp. 352-378.
- <sup>11</sup> Charles Seife. “O universo escuro. O que aconteceu com a matéria?” in *Alfa e Omega – A busca pelo início e o fim do universo*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro, Rocco, 2007, p. 109.
- <sup>12</sup> Stephen Hawking. *O universo numa casca de noz*. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo, Arx, 2002, p. 187.
- <sup>13</sup> Giorgio Agamben. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Argos, 2009, pp. 64-65.
- <sup>14</sup> John Cage. *De segunda a um ano*. Tradução de Rogério Duprat e Augusto de Campos. São Paulo, Hucitec, 1985, p. 108.
- <sup>15</sup> Franck Maubert, 2010, op. cit., p. 30.
- <sup>16</sup> René Char. “Lutadores” in *O nu perdido*. Tradução de Contador Borges. São Paulo, Iluminuras, 1995, p. 33.
- <sup>17</sup> Pierre-Joseph Proudhon. *Proudhon*. Paulo-Edgar A. Resende e Edson Passetti (orgs.). Tradução de Célia Gambini. São Paulo, Ática, 1986, pp. 49-51.
- <sup>18</sup> Friedrich Nietzsche. *Aurora*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, § 17.
- <sup>19</sup> Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2003, p. 149.
- <sup>20</sup> Friedrich Nietzsche, 2004, op. cit., § 34, p. 35.
- <sup>21</sup> Idem, § 4, p. 13.

- <sup>22</sup> Ibidem, § 116, p. 88.
- <sup>23</sup> Ibidem, § 178, p. 129.
- <sup>24</sup> Ibidem, § 135, p. 105.
- <sup>25</sup> Ibidem, § 158, p. 118.
- <sup>26</sup> Ibidem, § 368, p. 206.
- <sup>27</sup> Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/SOMA, 1999, pp. 14-15.
- <sup>28</sup> Samuel Beckett. *Fim de partida*. Tradução de Fábio de Souza Andrade. São Paulo, Cosac Naify, 2002, pp. 120-124.
- <sup>29</sup> Entrevista de Willian Burroughs a Gregory Corso & Allen Ginsberg publicada no *Journal for the Protection of All People*, em 1961. Disponível em: <http://www.subcultura.org/geracao-beat/burroughs-beat-topmenu/225-b>.
- <sup>30</sup> Nu-Sol. *Viver a vida (Ato Público). Para dar um fim à punição, à vingança, ao ressentimento*. São Paulo, PUC-SP, 2003. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/artigos/ArtigosView.php?id=34>.
- <sup>31</sup> Idem.
- <sup>32</sup> Gilles Deleuze. *Sobre o teatro: Um manifesto de menos. O esgotado*. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010, p. 64
- <sup>33</sup> O. Pinto & I. A. Pinto. *Tempestades e Relâmpagos no Brasil*. São José dos Campos, Inpe, 2000 apud Beatriz Scigliano Carneiro. *Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Helio Oiticica, vida como arte*. São Paulo, Imaginário/FAPESP, 2004, pp. 18-19.
- <sup>34</sup> Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mario da Gama Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998, p. 337.
- <sup>35</sup> Friedrich Nietzsche. *Sabedoria para depois de amanhã*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo, Martins Fontes, 2005, p. 147.
- <sup>36</sup> Élisée Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo, Imaginário, 2002, p. 73.
- <sup>37</sup> Élisée Reclus. "Tudo muda – na vida física e na vida social!" in Edgar Leuenroth (org.). *Anarquismo: Roteiro da libertação social, antologia de doutrina crítica-história-informações*. São Paulo, CCS-SP e Achiamé, s/d, pp. 22-23.

- <sup>38</sup> Billie Holiday. *Lady sings the blues: uma autobiografia dilacerada de uma lenda do jazz*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, pp. 52-53.
- <sup>39</sup> Liev Tolstói. *O pensamento vivo de Tolstói*. Tradução de Ligia Autran Rodrigues Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1976, pp. 17-18.
- <sup>40</sup> Emma Goldman e Max Baginski. “Mother Earth” in *Mother Earth*. New York City, Emma Goldman Publisher, vol. 1, 1906, pp. 1-3. Tradução de Anamaria Salles.
- <sup>41</sup> Franck Maubert, 2010, op. cit., p. 30.
- <sup>42</sup> Erich Maria Remarque. *Nada de novo no front*. Tradução de Helen Rumjanek. Porto Alegre, L&PM, 2004, p. 50.
- <sup>43</sup> Frédéric Gros. *Estados de violência. Ensaio sobre o fim da guerra*. Tradução de José Augusto da Silva. Aparecida-SP, Ideias e Letras, 2009, p. 5.
- <sup>44</sup> Thiago Rodrigues. “Ecopolítica e segurança: a emergência do dispositivo diplomático-policial” in *Revista Ecológica*. São Paulo, Nu-Sol, vol. 5, janeiro-abril 2013, p. 156. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15217>.
- <sup>45</sup> Walt Whitman. *Folhas das folhas de relva*. Tradução de Geir Campos. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 71.
- <sup>46</sup> Hans Staden. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro, Dantes, 1998, p. 9.
- <sup>47</sup> Oswald Dreyer-Eimbcke. *O descobrimento da Terra*. Tradução de Alfred Josef Keller. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1992, pp. 137-138.
- <sup>48</sup> Dee Brown. *Enterrem meu coração na curva de um rio*. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Porto Alegre, L&PM, 2009, p. 258.
- <sup>49</sup> Roberto Bolaño. *2666*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 166.
- <sup>50</sup> René Char. “Les compagnons dans le jardin” in *verve*. Tradução de Edson Passetti e Martha Gambini. São Paulo, Nu-Sol, n. 17, 2010, pp. 32-41.

# terr@2

AULA-TEATRO

4 e 5 de maio | 19h30

tucarena, puc-sp

[r. monte alegre, 1024]

*Retirada de ingressos gratuitos às 18h30*



[www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)

faculdade de ciências sociais - puc/sp

projeto temático fapesp ecopolítica:

governamentalidade planetária e resistências na sociedade de controle